

Por que e como pesquisar a tradução comentada?

Marie-Hélène Torres

Universidade Federal de Santa Catarina

A filosofia da Tradução Literária, para mim, poderia ser definida como sendo um saber crítico a respeito das traduções literárias, buscando seus fundamentos através de uma investigação sistemática acadêmico-científica. Os principais objetivos da filosofia da tradução literária são proceder à crítica de tradução, proceder à avaliação do papel da tradução na esfera internacional, discutir e estabelecer a epistemologia da tradução – ligada à lógica e à ciência da tradução – e à deontologia da tradução – referente aos valores éticos – e estabelecer critérios para uma história da tradução.

Pensar sobre a tradução é a essência da filosofia da Tradução. Essa semana vamos filosofar juntos e pensar sobre a tradução literária e mais especificamente sobre a tradução literária comentada. Textos fundadores foram geralmente traduzidos e comentados.

Pode-se considerar a tradução de textos sagrados como fundadora da tradução comentada que é cada vez mais estudada e pesquisada na academia, pois além de partir do exercício da tradução em si, trabalha com a crítica e a história da tradução e promove uma autoanálise por parte do tradutor-pesquisador acerca da tradução na sua relação com o comentário.

Minha contribuição, hoje, nessa comunicação será a de tentar estabelecer as principais características da tradução comentada que apreendo como um gênero acadêmico-literário, bem como considero que o comentário explica e teoriza de forma clara e explícita o processo de tradução, os modelos de tradução e as escolhas e decisões feitas pelos tradutores. E como o comentário

consiste fundamentalmente na análise da tradução de um texto original, ilustrarei minhas reflexões teóricas com um exemplo, a tradução que fiz do conto “O Cônego ou Metafísica do Estilo” de Machado de Assis para o francês.

Começo com um questionamento: Traduzir e/ou comentar

Antoine Berman, em *A prova do estrangeiro* (1984, p. 20) tenta delimitar o campo de ação da tradução e do comentário e situa a tradução como o espaço da leitura original e singular pela qual um tradutor transplanta um texto em outra cultura, iniciando uma recepção nova do autor que ele traduz em outro sistema literário e cultural. Berman considera ainda que não existe comentário sem interpretação, ou seja, que “está se incluindo numa nova categoria de escritos junto ao comentário: a dos textos considerados como segundos em relação a textos considerados como primeiros”.

Ele apreende o comentário como glosa, como esclarecedor de sentido, de figura e de interpretação ao redor de um texto. O comentário de uma tradução auxilia a interpretação e a primeira vista, esta seria a principal função do comentário.

Ambos os verbos, *traduzir* e *comentar* remetem a um olhar comparatista e historicista. Traduzir e comentar, ao meu ver, não são duas ações tão distintas, pois podem ser intercambiáveis.

No entanto, existe alguma confusão entre os dois termos, que às vezes podem se substituir: fala-se às vezes de tradução de um texto para assinalar um comentário e, ao contrário, algumas traduções são verdadeiros comentários.

A tradução ainda tem uma vantagem sobre o comentário, uma vez que transporta com ela, quando bem sucedida, a polissemia do texto “original”, original entre aspas, pois considero a tradução também como um original.

As relações entre tradução e comentário são relações de similaridade e de diferença. O comentário pode anteceder a tradução. Pode também a suceder.

Na prática o comentário feito pelo próprio tradutor é anterior à tradução. Para traduzir precisa comentar, explicitamente, implicitamente... Precisa interpretar antes de traduzir.

O comentário é apreendido como glosa (comentário de teor explicativo) de um texto traduzido, o outro original.

Pela sua secundariedade (tradução e comentário vêm sempre após um outro texto), estes dois gêneros têm em comum sua relação com a interpretação, ou seja, com a leitura. Há, portanto, uma relação intrínseca entre leitura, comentário e tradução.

Também ainda ao meu ver, tradução e comentário têm em comum essa qualidade incoativa – que se refere ao que inicia, que começa –, sempre em processo, nunca acabado, num outro espaço e tempo, com outros leitores, outras línguas/culturas.

Passo agora à Tipologia de tradução comentada.

Confrontar textos traduzidos é um modo de produzir uma espécie de comentário subjacente, a partir de uma certa ideologia, teoria, revelando o processo de leitura.

Parto da premissa de que não existe comentário sem leitura, e como há uma multiplicidade de leitura possível, uma polissemia inerente a todo texto, posso afirmar que não existe um só comentário possível/existente. Tradução e comentário são, portanto, críticos.

Entre a 1ª tradução e a retradução há um comentário, explícito ou não. A nota do tradutor, quando existir, é um comentário ao texto, apreendido como metatexto, o texto dentro do texto, ao contrário do que Genette afirma (e qualifica como paratexto).

Para mim, a nota (a nota de rodapé) não é uma ruptura do texto ou dentro do texto, mas sim uma leitura em paralelo, uma leitura hipertextual.

Segundo Sardin (2007, p. 121-136), professora na Universidade de Bordeaux, (em tradução minha)

“Com a nota exegetica (o que considero que explica ou interpreta obra literária), o tradutor dá ao leitor as ferramentas

contextuais necessárias para uma compreensão imediata do texto. O tradutor busca, fora do texto, esclarecê-lo, produzindo mais conhecimento do que sentido.”

Há também a função *meta*, metatextual, da nota, na qual acredito. Aqui, o tradutor discute, explica, comenta. O comentário, neste sentido, está dentro da tradução quando a nota cumpre sua função *meta*.

Principais características da Tradução Comentada como gênero

Segundo Bernard Croquette (2015) – Professor na Université de Paris-VII – o comentário é um gênero literário. O comentário de tradução, na minha opinião, pode ser considerado também como um gênero acadêmico-literário, como o resumo é um gênero acadêmico, a tese, o artigo, etc. O caráter literário do comentário de tradução dependerá do seu autor e do objeto em estudo.

Cada gênero se define a partir de um conjunto de características.

Na minha opinião, o gênero *tradução comentada* poder ser definido por algumas características que tento elencar aqui:

O caráter autoral: o autor da tradução é o mesmo do comentário;

O caráter metatextual: está na tradução comentada incluída a própria tradução por inteiro, objeto do comentário; a tradução está dentro do corpo textual (o texto dentro do texto);

O caráter discursivo-crítico: o objetivo da tradução comentada é mostrar o processo de tradução para entender as escolhas e estratégias de tradução do tradutor e analisar os efeitos ideológicos, políticos, literários, etc. dessas decisões;

O caráter descritivo: todo comentário de tradução parte de uma tradução existente e, portanto, reflete sobre tendências tradutórias e efeitos ideológico-políticos das decisões de tradução.

O caráter histórico-crítico: todo comentário teoriza sobre uma prática de tradução, alimentando dessa forma a história da tradução e a história da crítica de tradução.

Para Antoine Berman (1986, p. 88), é necessário que a tradução saiba assumir uma função especulativa para que ela se torne “crítica e comentário de si mesma”. Berman diz ainda que “Onde a tradução termina (e toda tradução conhece um ponto de parada) começa o comentário (1986, p. 105-106).

Para ilustrar a minha teoria com a prática, pretendo mostrar como traduzo e analiso “O Cônego ou Metafísica do Estilo” de Machado de Assis.

Para ilustrar o meu *pensar* sobre tradução literária, trago aqui uma possível leitura de ‘O Cônego ou Metafísica do Estilo’ de Machado de Assis que traduzi em francês, acompanhado do meu comentário. Uma espécie de método científico de tradução literária comentada.

O que podemos analisar na literatura comentada? Eu responderia que depende. Depende do texto e depende do tradutor-comentarista-pesquisador. O que é certo é que não dá para comentar e analisar tudo. Deve-se fazer escolhas em função dos objetivos prefixados e das prioridades estabelecidas.

O meu comentário explica e teoriza sobre parte do processo de tradução, sobre os modelos de traduções existentes e sobre algumas das minhas escolhas de tradução justificadas.

Contextualizando rapidamente: ‘O Cônego ou Metafísica do Estilo’ de Machado de Assis (1894) foi publicado no jornal Gazeta de Notícias em 22 de novembro de 1885 e integra o livro de contos *Várias Histórias* (1896). No site <http://www.machadodeassis.net>, site da Fundação Casa Rui Barbosa, ou melhor dito, site da pesquisadora Marta de Senna, que disponibiliza todos os romances e contos de Machado de Assis com links para as referências neles identificadas. É um belo projeto onde há sempre uma NOTA introdutória acompanhando a EDIÇÃO ELETRÔNICA.

Tem explicações sobre todas as citações e alusões do texto: tanto as de natureza simbólica (autores, obras de arte, personagens, fatos

históricos referidos por Machado de Assis), como as menções a lugares e instituições não-ficcionais (bairros e ruas da cidade do Rio de Janeiro, lojas, teatros, cafés que as personagens machadianas frequentam).

Fiz então a tradução.

Apresento a seguir minha tradução para o francês do conto de Machado de Assis “O cônego ou metafísica do estilo”, seguida da análise da tradução por mim proposta.

<p>“O cônego ou metafísica do estilo”, Machado de Assis, 1989 (texto estabelecido por Adriano da Gama Kury)</p>	<p>Le chanoine ou la métaphysique du style, Marie-Hélène C. Torres, 2015</p>
<p>- “Vem do Líbano, esposa minha, vem do Líbano, vem... As mandrágoras deram o seu cheiro. Temos às nossas portas toda a casta de pombos...”</p> <p>- “Eu vos conjuro, filhas de Jerusalém, que se encontrardes o meu amado, lhe façais saber que estou enferma de amor...”</p> <p>Era assim, com essa melodia do velho drama de Judá, que procuravam um ao outro na cabeça do cônego Matias um substantivo e um adjetivo... Não me interrompas, leitor precipitado; sei que não acreditas em nada do que vou dizer. Di-lo-ei, contudo, a despeito da tua pouca fé, porque o dia da conversão pública há de chegar.</p> <p>Nesse dia – cuido que por volta de 2222 – o paradoxo despirá as asas para vestir a japona de uma verdade comum. Então esta página merecerá, mais que favor, apoteose. Hão de traduzi-la em todas as línguas. As academias e institutos farão dela um pequeno livro, para uso dos séculos, papel de bronze, corte dourado, letras de opala embutidas, e capa de prata fosca. Os governos decretarão que ela seja ensinada nos ginásios e liceus. As filosofias queimarão todas as doutrinas anteriores, ainda as mais definitivas, e abraçarão esta psicologia nova, única verdadeira, e tudo estará acabado. Até lá passarei por tonto, como se vai ver.</p>	<p>– Viens du Liban, mon épouse, viens du Liban, viens ... Les mandragores ont exhalé leur parfum. Il y a à nos portes toutes sortes de fruits...</p> <p>– Je vous en conjure, filles de Jérusalem, si vous trouvez mon bien-aimé, faites-lui savoir que je meurs d’amour.</p> <p>C’était donc avec cette mélodie du vieux drame de Judas, que se cherchaient l’un l’autre dans la tête du Chanoine Mathias un substantif et un adjectif ... Ne m’interromps, lecteur pressé; je sais que tu crois pas du tout ce que je vais dire. Je le dirai, quand même, malgré ton manque de foi, parce que le jour de la conversion publique doit arriver.</p> <p>Ce jour-là – je suppose vers 2222, – le paradoxe ôtera ses ailes pour porter la veste d’une vérité commune. Alors cette page méritera, plus que qu’un remerciement, une apothéose. Ils doivent la traduire dans toutes les langues. Les académies et instituts en feront un livret, en usage pour les siècles des siècles, papier en bronze, tranche dorée, lettres en opale incrustées et couverture en argent mat. Les gouvernements décrèteront qu’on l’enseigne dans les collèges et lycées. Les philosophies brûleront toutes doctrines antérieures, même les plus définitives, et adopteront cette psychologie nouvelle, l’unique véritable, et ce sera tout. D’ici là, on me prendra pour un idiot, comme on va le voir.</p>

<p>“O cônego ou metafísica do estilo”, Machado de Assis, 1989 (texto estabelecido por Adriano da Gama Kury)</p>	<p>Le chanoine ou la métaphysique du style, Marie-Hélène C. Torres, 2015</p>
<p>Matias, cônego honorário e pregador efetivo, estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico. Tem quarenta anos de idade, e vive entre livros e livros para os lados da Gamboa. Vieram encomendar-lhe o sermão para certa festa próxima; ele, que se regalava então com uma grande obra espiritual, chegada no último pacote, recusou o encargo; mas instaram tanto, que aceitou.</p> <p>- Vossa Reverendíssima faz isto brincando? disse o principal dos festeiros.</p> <p>Matias sorriu manso e discreto, como devem sorrir os eclesiásticos e os diplomatas. Os festeiros despediram-se com grandes gestos de veneração, e foram anunciar a festa nos jornais, com a declaração de que pregava ao Evangelho o Cônego Matias, “um dos ornamentos do clero brasileiro”. Este “ornamento do clero” tirou ao cônego a vontade de almoçar, quando ele o leu agora de manhã; e só por estar ajustado é que se meteu a escrever o sermão.</p> <p>Começou de má vontade, mas no fim de alguns minutos já trabalhava com amor. A inspiração, com os olhos no céu, e a meditação, com os olhos no chão, ficam a um e outro lado do espaldar da cadeira, dizendo ao ouvido do cônego mil cousas místicas e graves. Matias vai escrevendo, ora devagar, ora depressa. As tiras saem-lhe das mãos, animadas e polidas. Algumas trazem poucas emendas ou nenhuma. De repente, indo escrever um adjetivo, suspende-se; escreve outro e risca-o; mais outro, que não tem melhor fortuna. Aqui é o centro do idílio. Subamos à cabeça do cônego.</p>	<p>Mathias, chanoine honoraire et prédicateur titulaire, était en train de composer un sermon quand commença l'idylle psychique. Il a quarante ans, et vit parmi les livres et les livres du côté de Gamboa. Ils sont venus lui commander le sermon pour une fête prochaine; lui qui se régalaît alors avec une grande œuvre spirituelle, arrivée par le dernier bateau, refusa la demande; mais ils ont tant insisté qu'il accepta.</p> <p>- Ce sera un jeu d'enfant pour Monsieur le Chanoine, dit le principal organisateur de la fête.</p> <p>Mathias sourit doux et discret, comme doivent sourire les ecclésiastiques et les diplomates. Les organisateurs de la fête se sont retirés avec de grands gestes de vénération, et partirent annoncer la fête dans les journaux, avec la mention que prêcherait selon l'Évangile le Chanoine Mathias « l'un des ornements du clergé brésilien ». Cet « ornement du clergé » a enlevé au chanoine l'envie de déjeuner, quand il l'a lu ce matin; et c'est seulement parce que tout était réglé, qu'il se mit à écrire le sermon.</p> <p>Il commença de mauvaise volonté, mais au bout de quelques minutes il travaillait déjà avec amour. L'inspiration, avec les yeux au ciel, et la méditation, avec les yeux au sol, se sont placés des deux côtés du dossier de la chaise, en disant à l'oreille du chanoine mille choses mystiques et graves. Mathias se met à écrire, parfois lentement, parfois rapidement. Les bandes de papier lui échappent des mains, animées et polies. Certaines ont peu de rajout, d'autres aucun. Tout à coup, au moment d'écrire un adjectif, il s'arrête; il en écrit un autre et le raye; encore un autre qui n'a guère plus de chance. Là est le centre de l'idylle. Montons dans la tête du chanoine.</p>

<p>“O cônego ou metafísica do estilo”, Machado de Assis, 1989 (texto estabelecido por Adriano da Gama Kury)</p>	<p>Le chanoine ou la métaphysique du style, Marie-Hélène C. Torres, 2015</p>
<p>Upa! Cá estamos. Custou-te, não, leitor amigo? É para que não acredites nas pessoas que vão ao Corcovado, e dizem que ali a impressão da altura é tal, que o homem fica sendo cousa nenhuma. Opinião pânica e falsa, falsa como Judas e outros diamantes. Não creias tu nisso, leitor amado. Nem Corcovados, nem Himalaias valem muita cousa ao pé da tua cabeça, que os mede. Cá estamos. Olha bem que é a cabeça do cônego. Temos à escolha um ou outro dos hemisférios cerebrais; mas vamos por este, que é onde nascem os substantivos. Os adjetivos nascem no da esquerda. Descoberta minha, que, ainda assim, não é a principal, mas a base dela, como se vai ver. Sim, meu senhor, os adjetivos nascem de um lado, e os substantivos de outro, e toda a sorte de vocábulos está assim dividida por motivo da diferença sexual...</p> <p>- Sexual?</p> <p>Sim, minha senhora, sexual. As palavras têm sexo. Estou acabando a minha grande memória psico-léxico-lógica, em que exponho e demonstro esta descoberta. Palavra tem sexo.</p> <p>- Mas, então, amam-se umas às outras?</p> <p>- Amam-se umas às outras. E casam-se. O casamento delas é o que chamamos estilo. Senhora minha, confesse que não entendeu nada.</p> <p>- Confesso que não.</p> <p>Pois entre aqui também na cabeça do cônego. Estão justamente a suspirar deste lado. Sabe quem é que suspira? É o substantivo de há pouco, o tal que o cônego escreveu no papel, quando suspendeu a pena. Chama por certo adjetivo, que lhe não aparece: “Vem do Líbano, vem...” E fala assim, pois está em cabeça de padre; se fosse de qualquer pessoa do século, a linguagem seria a de Romeu: “Julietta é o sol... ergue-te, lindo sol.” Mas em cérebro eclesiástico, a linguagem é a das Escrituras. Ao cabo, que importam fórmulas? Namorados de Verona ou de Judá falam todos o mesmo idioma, como acontece com o táler ou o dólar, o florim ou a libra, que é tudo o mesmo dinheiro.</p>	<p>Hop la! Nous y voilà. C’était dur, n’est-ce pas, ami lecteur? C’est pour que tu ne croies pas les gens qui vont au Corcovado, et disent que l’impression de hauteur est telle que l’homme en devient insignifiant. Avis panique et faux, faux comme Judas et autres diamants. N’y crois pas cher lecteur. Ni le Corcovado, ni l’Himalaya ne valent pas grand chose au pied de ta tête, qui les mesure. Nous y voilà. Regarde bien ce qu’est la tête du chanoine. Nous avons le choix entre l’un ou l’autre des hémisphères cérébraux; mais allons par ici, là où naissent les substantifs. Les adjectifs naissent dans celui de gauche. Une des mes découvertes, qui n’est toutefois pas la principale, mais en est la base, comme on va le voir. Oui, monsieur, les adjectifs naissent d’un côté, et les substantifs de l’autre, et tous les autres vocables sont ainsi divisés en raison de leur différence sexuelle ...</p> <p>- Sexuelle?</p> <p>Oui, madame, sexuelle. Les mots ont un sexe. Je suis en train de terminer ma grande mémoire psycho-lexico-logique, où j’expose et démontre cette découverte. Les mots ont un sexe.</p> <p>- Mais alors, ils s’aiment les uns les autres?</p> <p>- Ils s’aiment les uns les autres. Et se marient. Leur mariage est ce que nous appelons style. Chère madame, avouez que vous n’y comprenez rien.</p> <p>- J’avoue que non.</p> <p>Entrez donc aussi dans la tête du chanoine. Ils sont justement en train de soupirer de ce côté. Savez-vous qui soupire? c’est le substantif de tout à l’heure, celui que le chanoine a écrit sur le papier, quand il arrêta sa plume. Il appelle un certain adjectif, qui ne lui vient pas: «Viens du Liban, viens ... » Et il parle ainsi, parce qu’il est dans la tête d’un prêtre; si c’était de n’importe quelle personne du siècle, le langage serait celui de Roméo: «Juliette est le soleil... lève-toi, beau soleil. » Mais dans un cerveau ecclésiastique, le langage est celui des Ecritures. En fin de compte, qu’importent les formules? Les amoureux de Vérone ou de Judas parlent tous la même langue, comme c’est pour le thaler ou le dollar, le florin ou la livre sterling, qui est le même argent.</p>

<p>“O cônego ou metafísica do estilo”, Machado de Assis, 1989 (texto estabelecido por Adriano da Gama Kury)</p>	<p>Le chanoine ou la métaphysique du style, Marie-Hélène C. Torres, 2015</p>
<p>Portanto, vamos lá por essas circunvoluções do cérebro eclesiástico, atrás do substantivo que procura o adjetivo. Silvio chama por Sílvia. Escutai; ao longe parece que suspira também alguma pessoa; é Sílvia que chama por Sílvio.</p> <p>Ouvem-se agora e procuram-se. Caminho difícil e intrincado que é este de um cérebro tão cheio de cousas velhas e novas! Há aqui um burburinho de ideias, que mal deixa ouvir os chamados de ambos; não percamos de vista o ardente Silvio, que lá vai, que desce e sobe, escorrega e salta; aqui, para não cair, agarra-se a umas raízes latinas, ali abordoa-se a um salmo, acolá monta num pentâmetro, e vai sempre andando, levado de uma força íntima, a que não pode resistir.</p> <p>De quando em quando, aparece-lhe alguma dama – adjetivo também – e oferece-lhe as suas graças antigas ou novas; mas, por Deus, não é a mesma, não é a única, a destinada ab eterno para este consórcio. E Sílvio vai andando, à procura da única. Passai, olhos de toda cor, forma de toda casta, cabelos cortados à cabeça do Sol ou da Noite; morrei sem eco, meigas cantilenas suspiradas no eterno violino; Sílvio não pede um amor qualquer, adventício ou anônimo; pede um certo amor nomeado e predestinado.</p> <p>Agora não te assustes, leitor, não é nada; é o cônego que se levanta, vai à janela, e encosta-se a espreitar do esforço. Lá olha, lá esquece o sermão e o resto. O papagaio em cima do poleiro, ao pé da janela, repete-lhe as palavras do costume e, no terreiro, o pavão enfuna-se todo ao sol da manhã; o próprio sol, reconhecendo o cônego, manda-lhe um dos seus fiéis raios, a cumprimentá-lo. E o raio vem, e para diante da janela: “Cônego ilustre, aqui venho trazer os recados do sol, meu senhor e pai.” Toda a natureza parece assim bater palmas ao regresso daquele galé do espírito. Ele próprio alegra-se, entorna os olhos por esse ar puro, deixa-os ir fartarem-se de verdura e fresquidão, ao som de um passarinho e de um piano; depois fala ao papagaio, chama o jardineiro, assoa-se, esfrega as mãos, encosta-se. Não lhe lembra mais nem Sílvio nem Sílvia.</p>	<p>Allons donc par ces circunvolutions du cerveau ecclésiastique, rechercher le substantif qui cherche l’adjectif. Silvio appelle Sílvia. Écoutez; de loin, on dirait que soupire aussi quelqu’un; c’est Sílvia qui appelle Silvio.</p> <p>Ils s’entendent maintenant et se cherchent. Chemin difficile et sinueux que celui d’un cerveau plein de choses anciennes et nouvelles! Il y a là un bourdonnement d’idées, qui permet à peine d’entendre les appels de chacun; ne perdons pas de vue l’ardent Silvio, qui arrive, descend et monte, glisse et saute; ici, pour ne pas tomber, il s’accroche à des racines latines, là, il récite un psaume, ensuite, il grimpe sur un pentamètre, et poursuit toujours son chemin, emporté d’une force intime, à laquelle il ne peut résister.</p> <p>De temps en temps, il apparaît une dame – adjectif aussi – et lui offre ses grâces anciennes et nouvelles; mais, par Dieu, ce n’est pas la même, ce n’est pas l’unique, la destinée <i>ab eterno</i> à cet hymen. Et Silvio poursuit son chemin, à la recherche de l’unique. Passez, yeux de toutes les couleurs, forme de toute caste, cheveux coupés à la tête du Soleil ou de la Nuit; mourez sans écho, douces ballades soupirées dans l’éternel violon; Silvio ne demande pas n’importe quel amour, fortuit ou anonyme; il demande un certain amour nommé et prédestiné.</p> <p>Maintenant, n’ai pas peur, lecteur, ce n’est rien; c’est le chanoine qui se lève, va à la fenêtre, et s’adosse pour distraire son effort. Là il regarde, là il oublie le sermon et le reste. Le perroquet sur son perchoir, sur le bord de la fenêtre, lui répète les mots habituels, et, dans la cour, le paon fait la roue sous le soleil du matin; le soleil lui-même, reconnaissant le chanoine, envoie un de ses fidèles rayons le saluer. Et le rayon vient et s’arrête devant la fenêtre: «Illustre Chanoine, je t’apporte les messages du soleil, mon seigneur et père.» Toute la nature semble ainsi applaudir le retour de ce galérien de l’esprit. Lui-même se réjouit, roule les yeux vers cet air pur, les laisse se rassasier de légumes et autres primeurs, au son d’un oiseau et d’un piano; ensuite il parle au perroquet, appelle le jardineiro, se mouche, se frotte les mains, s’adosse. Il ne se souvient plus ni de Silvio ni de Sílvia.</p>

<p>“O cônego ou metafísica do estilo”, Machado de Assis, 1989 (texto estabelecido por Adriano da Gama Kury)</p>	<p>Le chanoine ou la métaphysique du style, Marie-Hélène C. Torres, 2015</p>
<p>Mas Sílvio e Sílvia é que se lembram de si. Enquanto o cônego cuida em cousas estranhas, eles prosseguem em busca um do outro, sem que ele saiba nem suspeite nada. Agora, porém, o caminho é escuro. Passamos da consciência para a inconsciência, onde se faz a elaboração confusa das ideias, onde as reminiscências dormem ou cochilam. Aqui pulula a vida sem formas, os germens e os detritos, os rudimentos e os sedimentos; é o desvão imenso do espírito. Aqui caíram eles, à procura um do outro, chamando e suspirando. Dê-me a Upa! Cá estamos. Custou-te, não, leitor amigo? É para que não acredites nas pessoas que vão ao Corcovado, e dizem que ali a impressão da altura é tal, que o homem fica sendo cousa nenhuma. Opinião pânica e falsa, falsa como Judas e outros diamantes. Não creias tu nisso, leitor amado. a mão, agarre-se o leitor a mim, e escorreguemos também.</p> <p>Vasto mundo incógnito. Sílvio e Sílvia rompem por entre embriões e ruínas. Grupos de ideias, deduzindo-se à maneira de silogismos, perdem-se no tumulto de reminiscências da infância e do seminário. Outras ideias, grávidas de ideias, arrastam-se pesadamente, amparadas por outras ideias virgens. Cousas e homens amalgamam-se; Platão traz os óculos de um escrivão da câmara eclesiástica; mandarins de todas as classes distribuem moedas etruscas e chilenas, livros ingleses e rosas pálidas; tão pálidas, que não parecem as mesmas que a mãe do cônego plantou quando ele era criança. Memórias pias e familiares cruzam-se e confundem-se. Cá estão as vozes remotas da primeira missa; cá estão as cantigas da roça que ele ouvia cantar às pretas, em casa; farrapos de sensações esvaídas, aqui um medo, ali um gosto, acolá um fastio de cousas que vieram cada uma por sua vez, e que ora jazem na grande unidade impalpável e obscura.</p> <p>- Vem do Líbano, esposa minha... - Eu vos conjuro, filhas de Jerusalém...</p>	<p>Mais Silvio et Silvia se souviennent l'un de l'autre. Alors que le chanoine s'occupe de choses étranges, ils poursuivent leur recherche de l'autre, à son insu, sans qu'il s'en doute. Maintenant, pourtant, le chemin est noir. Nous passons de la conscience à l'inconscience, où se fait l'élaboration confuse des idées, où les réminiscences dorment ou somnolent. Ici pullule la vie sans formes, les germes et les détritres, les rudiments et les sédiments; ce sont les combles immenses de l'esprit. Là, ils sont tombés, à la recherche de l'autre, s'appelant et soupirant. Donnez-moi lectrice votre main, tenez-vous lecteur à moi, et glissons aussi.</p> <p>Vaste monde inconnu. Silvio et Silvia se séparent parmi les embryons et les ruines. Des groupes d'idées, se déduisant à la manière des syllogismes, se perdent dans le tumulte des réminiscences de l'enfance et du séminaire. D'autres idées, enceintes d'idées, se traînent lourdement, soutenues par d'autres idées vierges. Les choses et les hommes s'amalgament; Platon porte les lunettes d'un greffier de la chambre ecclésiastique; des mandarins de toutes les classes distribuent des pièces de monnaie étrusques et chiliennes, des livres anglais et des roses pâles; si pâles, qu'elles ne ressemblent pas à celles que la mère du chanoine a planté lorsqu'il était enfant. Souvenirs pieux et familiers se croisent et se confondent. Voilà les voix lointaines de la première messe; voilà les chants bucoliques qu'il entendait chanter par les noires, à la maison; des lambeaux de sensations dissipées, ici une crainte, par là un goût, là-bas un désagrément de choses qui sont venues une par une, et qui à présent gisent d'une grande unité impalpable et obscure.</p> <p>- Viens du Liban, mon épouse... - Je vous en conjure, filles de Jérusalem...</p>

<p>“O cônego ou metafísica do estilo”, Machado de Assis, 1989 (texto estabelecido por Adriano da Gama Kury)</p>	<p>Le chanoine ou la métaphysique du style, Marie-Hélène C. Torres, 2015</p>
<p>Ouvem-se cada vez mais perto. Eis aí chegam eles às profundas camadas de teologia, de filosofia, de liturgia, de geografia e de história, lições antigas, noções modernas, tudo à mistura, dogma e sintaxe. Aqui passou a mão panteísta de Spinoza, às escondidas; ali ficou a unhada do Doutor Angélico; mas nada disso é Sílvia nem Sílvia. E eles vão rasgando, levados de uma força íntima, afinidade secreta, através de todos os obstáculos e por cima de todos os abismos. Também os desgostos hão de vir. Pesares sombrios, que não ficaram no coração do cônego, cá estão, à laia de manchas morais, e ao pé deles o reflexo amarelo ou roxo, ou o que quer que seja da dor alheia e universal. Tudo isso vão eles cortando, com a rapidez do amor e do desejo.</p> <p>Cambaleias, leitor? Não é o mundo que desaba; é o cônego que se sentou agora mesmo. Espaireceu à vontade, tornou à mesa do trabalho, e relê o que escreveu, para continuar; pega da pena, molha-a, desce-a ao papel, a ver que adjetivo há de anexar ao substantivo.</p> <p>Justamente agora é que os dous cobiçosos estão mais perto um do outro. As vozes crescem, o entusiasmo cresce, todo o Cântico passa pelos lábios deles, tocados de febre. Frases alegres, anedotas de sacristia, caricaturas, facécias, disparates, aspectos estúrdios, nada os retém, menos ainda os faz sorrir. Vão, vão, o espaço estreita-se. Ficai aí, perfis meio apagados de paspalhões que fizeram rir ao cônego, e que ele inteiramente esqueceu; ficai, rugas extintas, velhas charadas, regras de voltarete, e vós também, células de ideias novas, debuxos de concepções, pó que tens de ser pirâmide, ficai, abalroai, esperai, desesperai, que eles não têm nada convosco. Amam-se e procuram-se.</p>	<p>On les entend de plus en plus prêt. Voici qu'ils atteignent les profondes couches de la théologie, philosophie, liturgie, géographie et de l'histoire, leçons anciennes, notions modernes, tout en mélange, dogme et syntaxe. Par ici est passée la main panthéiste de Spinoza, en cachette; par là sont restées les marques d'ongles du Docteur Angélique; mais rien de tout cela n'est ni Sílvia ni Sílvia. Et ils continuent à déchirer, emmenés par une force intime, affinité secrète, à travers tous les obstacles et par-dessus tous les abîmes. Les chagrins aussi devront survenir. Regrets sombres, qui ne restèrent pas dans le cœur du chanoine, les voilà, à titre de taches morales, et à leur pied le reflet jaune ou pourpre, ou autre couleur de la douleur d'autrui et de l'univers. Tout cela ils le coupent, avec la rapidité de l'amour et du désir.</p> <p>Tu vacilles, lecteur? Ce n'est pas que le monde qui s'écroule; c'est le chanoine qui vient juste de s'asseoir. Il a rêvé à son aise, est retourné à son bureau, et a relu ce qu'il a écrit, pour continuer; il prend sa plume, la trempe, la fait descendre jusqu'au papier, pour voir quel adjectif il devra annexer au substantif.</p> <p>C'est justement maintenant que les deux amoureux sont plus proches l'un de l'autre. Les voix grandissent, l'enthousiasme grandit, tout le <i>Cantique</i> passe par leurs lèvres, épris de fièvre. Phrases joyeuses, anecdotes de sacristie, caricatures, facéties, balivernes, aspects incongrus, rien ne les retient, et encore moins sourire. Allez, allez, l'espace se rétrécit. Restez là, profils à demi-effacés de sots qui firent rire le chanoine, et qu'il a complètement oublié; restez, rides disparues, vieilles charades, règles de jeu de cartes, et vous aussi, cellules d'idées nouvelles, ébauches de conceptions, poussière qui doit devenir pyramide, restez, bougez, attendez, désespérez, car ils n'ont rien à voir avec vous. Ils s'aiment et se cherchent.</p>

<p>“O cônego ou metafísica do estilo”, Machado de Assis, 1989 (texto estabelecido por Adriano da Gama Kury)</p>	<p>Le chanoine ou la métaphysique du style, Marie-Hélène C. Torres, 2015</p>
<p>Procuram-se e acham-se. Enfim, Sílvia achou Sílvia. Viram-se, caíram nos braços um do outro, ofegantes de cansaço, mas remidos com a paga. Unem-se, entrelaçam os braços, e regressam palpitando da inconsciência para a consciência. “Quem é esta que sobe do deserto, firmada sobre o seu amado?”, pergunta Sílvia, como no Cântico; e ela, com a mesma lábia erudita, responde-lhe que “é o selo do seu coração”, e que “o amor é tão valente como a própria morte”.</p> <p>Nisto, o cônego estremece. O rosto ilumina-se-lhe. A pena, cheia de comoção e respeito, completa o substantivo com o adjetivo. Sílvia caminhará agora ao pé de Sílvia, no sermão que o cônego vai pregar um dia destes, e irão juntinhos ao prelo, se ele coligir os seus escritos, o que não se sabe.</p>	<p>Ils se cherchent et se trouvent. Enfin, Sílvia a trouvé Sílvia. Ils se sont vus, tombèrent dans les bras l’un de l’autre, essoufflés de fatigue, mais rachetés par leur dû. Ils s’unissent, entrelacent leurs bras, et repartent en palpitant de l’inconscience à la conscience. «Qui est celle qui arrive du désert, penchée sur son bien-aimé», demande Sílvia, comme dans le <i>Cantique</i>; et elle, avec la même facilité érudite, lui répond qu’« il est le sceau de son cœur », et que « l’amour est aussi courageux que la mort elle-même. »</p> <p>Sur ce, le chanoine tremble. Son visage s’illumine. Sa plume, pleine de commotion et de respect, complète le substantif avec l’adjectif. Sílvia marchera à présent au pied de Sílvia, dans le sermon que le chanoine va prêcher un de ces jours, et ils iront ensemble à la presse, s’il rassemble ses écrits, ce dont on ignore.</p>

Iniciando a Tradução Comentada do conto, analiso em 1º lugar: A questão da retradução.

Por que retraduzir? Devo dizer que todo tradutor procura saber se existem outras traduções do texto que vai traduzir, seja na mesma língua na qual traduz, seja em outras línguas que ele domina. Essas traduções servem de modelo segundo os descritivistas como Toury ou Lambert. Muitos contos de Machado nunca foram traduzidos em francês, mas, este, especificamente, já o foi em 1910 pelo tradutor Adrien Delpech num livro reunindo vários contos de Machado, sob o título de *Le chanoine ou métaphysique du Style* e em 2013, por Emilie Audigier na revista *Scientia Traductionis*.

Como Delpech foi um dos grandes tradutores de Machado do início do século XX, farei algumas referências a essas traduções durante a análise. Além dos contos, Adrien Delpech também traduziu *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Conforme pesquisas

anteriores (Torres, 2004), Delpech (1867-1942) era escritor e tradutor de origem francesa, vivendo no Brasil. Ele se naturalizou em 1891 e dava aula de sociologia e de literatura no Colégio Dom Pedro II no Rio de Janeiro.

A retradução implica um fazer outro, diferente. Penso que a tradução de Delpech foi uma tradução-introdução, já que foi a primeira. E, como acredito que as traduções não são a-históricas, que elas foram feitas num determinado tempo e espaço, levo em conta o que o próprio Delpech escreveu a respeito da sua tradução dos contos de Machado no prefácio. Ele confessa a impotência do tradutor que tenta superpor sua mentalidade à do Machado. Ele deplora a fatalidade da naturalização do texto traduzido e conseqüentemente a intraduzibilidade das expressões idiomáticas e a dificuldade de traduzir literalmente, conceitos ligados à visão tradicional da fidelidade da tradução.

A questão da retradução é essencial segundo Berman (*A tradução e a letra ou o albergue longínquo*, 2013). Ele distingue dois espaços (e dois tempos) de tradução: as primeiras traduções e as retraduições. Ainda de acordo com Berman, qualquer tradução envelhece, principalmente as traduções dos clássicos da literatura mundial. Para ele, a retradução tem um sentido histórico e cultural específico, o de reabrir o acesso a obras apagadas, esquecidas. Acredito que a tradução envelhece, pois não responde mais às expectativas de um novo público-leitor: os gostos mudam, as convenções literárias mudam, as línguas estão em constante processo de mudanças, provocando a necessidade de ter uma nova tradução.

É como se as primeiras traduções fossem consideradas como traduções-introduções e as retraduições, pelo contrário, teriam como função mostrar a outra cultura sem naturalizar tanto o texto traduzido. O estatuto das retraduições vem do fato de que textos e autores já são canonizados no sistema literário e cultural de origem.

Tem uma passagem exemplar a esse respeito: *Sodome et Gomorrhe*, Marcel Proust se questiona sobre a reação que teria sua avô frente a uma nova tradução das *Mil e uma noites* em francês.

<i>Sodome et Gomorrhe</i> , Proust, 1924	<i>Sodoma e Gomorra</i> , Proust, Tradução Mario Quintana, 1954 (p.188)
Or si une Odyssée d'où étaient absents les noms d'Ulysse et de Minerve n'était plus pour elle l'Odyssée, qu'aurait-elle dit en voyant déjà déformé sur la couverture le titre de ses Mille et une Nuits, en ne retrouvant plus, exactement transcrits comme elle avait été de tous temps habituée à le dire, les noms immortellement familiers de Shéhérazade, de Dinarzade, où, débaptisés eux-mêmes, si l'on ose employer le mot pour des contes musulmans, le charmant Calife et les puissants Génies se reconnaissaient à peine, étant appelés l'un le « Khalifat », les autres les « Gennis »?	Ora, se uma <i>Odisséia</i> de onde estivessem ausentes os nomes de Ulisses e de Minerva não era mais para ela a <i>Odisséia</i> , que não teria dito ao ver já deformado na capa o título das suas <i>Mil e uma Noites</i> , não mais encontrando, exatamente transcritos como sempre estivera habituada a dizê-los, os nomes imortalmente familiares de Xerazade, de Dinazarde, e onde, eles próprios desbatizados, se é que se pode aplicar o termo a histórias muçulmanas, mal se podiam reconhecer o encantador Califa e os poderosos Gênios, estando aquêla denominado "Khalifat" e estes "Gennis".

A retradução, para mim, é uma manifestação de subjetividade por parte do (re)tradutor, principalmente a nível microestrutural, onde ele desfruta de sua liberdade de escolhas e decisões. Traduções e Re-traduições escrevem a memória histórica de um texto de outra cultura, escrito em outro tempo e espaço.

Apresento, portanto, pontos que considero importantes para justificar essa nova tradução francesa do conto 'O Cônego ou Metáfísica do Estilo' de Machado de Assis.

A intertextualidade com a Bíblia

Na parte inicial do conto, nas primeiras linhas, o leitor já se depara com uma forte referência à Bíblia, ou seja, Machado de Assis faz um pastiche bíblico do *Cântico dos Cânticos*, livro que faz parte dos livros poéticos do Antigo Testamento, escrito por Salomão, filho do Rei Davi. O livro contém cantos de amor,

talvez cantados em festas de casamento. No seu livro *O Cântico dos Cânticos: um ensaio de interpretação através de suas traduções*, Geraldo Holanda Cavalcanti (2005, p. 168) afirma que no conto “O Cônego ou Metafísica do Estilo”, o “personagem [de Machado] prepara um sermão encomendado para uma boda e toma como epígrafes alguns versículos do Cântico.” Machado elabora a teoria de que as palavras têm sexo: “Amam-se umas às outras. E casam-se. O casamento delas é o que chamamos estilo.”

Para fazer a minha tradução, usei várias traduções existentes da Bíblia em português, em inglês e em francês como o menciono nas referências bibliográficas e também as traduções existentes do conto de Machado em inglês, espanhol e francês.

Machado toma emprestado várias referências ao Cântico como por exemplo no Capítulo 4, Versículo 8 e 16; Capítulo 7, Versículo 13 e Capítulo 5, Versículo 8:

Machado de Assis, 1885	Trad. Adrien Delpech, 1910	Trad. Emilie Audigier, 2013	Trad. Marie-Hélène, Torres, 2015
<p>“Vem do Líbano, esposa minha, vem do Líbano, vem... As mandrágoras deram o seu cheiro. Temos às nossas portas toda a casta de pombos...”</p> <p>- “Eu vos conjuro, filhas de Jerusalém, que se encontrades o meu amado, Ihe façais saber que estou enferma de amor...”</p>	<p>Tu viens du Liban, ô mon épouse, tu viens du Liban, tu viens ... Les m a n d r a g o r e s ont exhalé leur parfum. Nous avons à notre porte toute la lignée des colombes.</p> <p>«Je vous en conjure, filles de Jérusalem, si vous rencontrez mon bien-aimé, dites-lui que je suis malade d’amour...»</p>	<p>- Viens du Liban, mon épouse, viens du Liban, viens...Les mandragores ont exhalé leur parfum. Nous avons devant nos portes toute une variété de colombes...</p> <p>- Je vous en conjure, filles de Jérusalem, si vous rencontrez mon bien-aimé, faites-lui savoir que je suis malade d’amour...</p>	<p>- Viens du Liban, mon épouse, viens du Liban, viens ... Les mandragores ont exhalé leur parfum. Il y a à nos portes toutes sortes de fruits...</p> <p>- Je vous en conjure, filles de Jérusalem, si vous trouvez mon bien-aimé, faites-lui savoir que je meurs d’amour ...</p>

*grifo meu.

Machado usa ‘pombos’ que poderia ser traduzido literalmente por ‘pigeons’, pois “colombes” são pombas. Nas diversas traduções do Cântico, há vários capítulos e versículos que trazem essas passagens emprestadas e hibridizadas por Machado, como por exemplo os capítulos 2 e 4:

Levanta-te, vento norte, e vem tu, vento sul; assopra no meu jardim, para que destilem os seus aromas. Ah! entre o meu amado no jardim, e coma os seus **frutos** excelentes! (4:16)
(<https://www.bibliaonline.com.br/acf/ct/4>)

Levante-se, vento norte!
Venha, vento sul! Sobre sobre o meu jardim e encha o ar de perfume.
Deixe que o meu querido venha ao seu jardim e coma as suas melhores **frutas**. (4:16)
(<https://www.bible.com/pt/bible/211/sng.4.nthl>)

Levanta-te, vento norte; vem, vento do sul; vem soprar no meu jardim.
Que se espalhem os seus perfumes. O meu amado entrará no seu jardim e comerá os seus **frutos** deliciosos. (4:16)
(http://www.capuchinhos.org/biblia/index.php?title=Ct_4)

Levez-vous aquilons. Venez autans! Soufflez sur mon jardin, et que ses baumiers exsudent! Que mon bien-aimé entre dans son jardin, et qu’il mange de ses **beaux fruits**! (4 :16)
(<https://bible.catholique.org/le-cantique-des-cantiques/4519-chapitre-4>)

Tragam passas para eu recuperar as minhas forças e **maças para me refrescar, pois estou desmaiando de amor**. (2:5)
(<https://www.bible.com/pt/bible/211/sng.2.nthl>)

Soutenez-moi avec des **gateaux de raisin**, fortifiez-moi avec des **pommes, car je suis malade d’amour**. (2:5)
(<https://bible.catholique.org/le-cantique-des-cantiques/4517-chapitre-2>)

Acredito que Machado usou “pombos” no lugar de “pomos” de forma irônica: **Pom(b)os**. Infelizmente, a tradução em francês não consegue valorizar a letra do texto. Optei por traduzir por *fruits* pelo contexto.

Por exemplo, no início do conto, Machado, além da intertextualidade, ironiza ao substituir pomos por pombos, como explicitarei acima. Inicialmente, havia conservado *bruits* mas no intuito de ironizar e manter o texto num ambiente ambigualmente sensual, decidi traduzir pombos por *fruits*. É menos sugestivo do que no original brasileiro, mas pelo menos a solução pretende sugerir algo sensual.

No início do conto, Machado, além da intertextualidade, ironiza ao substituir *pomos por pombos*. Acredito que Machado usou “pombos” no lugar de “pomos” de forma irônica: Pom(b)os. Infelizmente, a tradução em francês não consegue valorizar a letra do texto. Inicialmente, eu havia conservado *bruits* mas no intuito de ironizar e manter o texto num ambiente ambigualmente sensual, decidi traduzir *pombos por fruits*. É menos sugestivo do que no original brasileiro, mas pelo menos a solução pretende sugerir algo sensual.

Poderia também ter traduzido “lhe façais saber que estou enferma de amor...” por *faites-lui savoir que je suis malade d’amour...* Mas preferi fazer uma referência literária de um monólogo conhecido do público-leitor francês ao traduzir por: “faites-lui savoir que je meurs d’amour ...”, o que remete a famosa tirada de Monsieur Jourdain “Belle marquise, vos yeux me font mourir d’amour”, que declina em todas as possibilidades que lhe oferece a língua, já que descobriu que sabe falar em prosa!

Bela marquesa, seus olhos me fazem morrer de amor
Seus olhos, bela marquesa, me fazem morrer de amor
De amor, seus olhos, bela marquesa, me fazem morrer
Morrer de amor, Bela marquesa, seus olhos me fazem...etc.

A outra intextualidade litúrgica no texto traduzido, e que não existe no texto em português, é a referência ao final das preces na missa (e pelos séculos dos séculos...) *en usage pour les siècles des*

siècles, já que a temática religiosa é essencial no conto, ou pelo menos é pretexto do conto.

A função da tradução literal

Fiz, quando oportuno, uma tradução literal no sentido bermaniano da palavra. Relembro que Berman tem uma concepção de tradução literária não-convencional, porque para ele, ela tem o objetivo de revelar o outro, ou seja, de mostrar que o texto é um texto traduzido. Berman ilustra sua teoria da literalidade com a tradução de provérbios frente aos quais o tradutor tem duas possibilidades: ou procura um provérbio “equivalente” na língua e cultura para a qual ele traduz ou procura traduzir o provérbio literalmente. Tudo isto é possível e não significa que o tradutor desconhece o provérbio existente na língua para a qual traduz. Dependendo do caso, o efeito produzido será totalmente distinto. Traduzindo por um “equivalente” que corresponderia ao “original”, seja no caso dos provérbios ou não, o tradutor apaga e neutraliza a presença do texto estrangeiro na tradução, mostrando um texto que não possui traços de tradução, um texto no qual não se sente a tradução. Mas é justamente este tipo de tradução que a maioria dos leitores tem o hábito de ler. Eles não querem perceber, durante a leitura, que se trata de uma tradução. O efeito principal deste tipo de tradução é tornar invisíveis as características do texto primeiro, o “original” a partir do qual se traduz. O efeito da tradução seria oposto se o tradutor revelasse, ao contrário, as idiosincrasias do texto estrangeiro na tradução.

Mas traduzir um provérbio é também traduzir seu ritmo, suas aliterações, suas sonoridades. É traduzir a letra. Enfim, toda a sua poeticidade. Podemos assim, de certa maneira, enxergar ao outro ao traduzir literalmente, no lugar de vermos a nós mesmos ao traduzir por um “equivalente”.

Na minha tradução, privilegiei o ritmo com frase curtas como as do Machado e mantive as repetições. A tradução é literal também em relação à ordem das palavras, às inversões, como em:

Machado de Assis, 1885	Trad. Adrien Delpech, 1910	Trad. Marie Helene, Torres, 2015
Era assim, com essa melodia do velho drama de Judá, que procuravam um ao outro na cabeça do cônego Matias um substantivo e um adjetivo...	C'est aux accents de cette mélodie du vieux drame de Judas, qu'un adjectif et un substantif se cherchaient l'un l'autre dans la cervelle du chanoine Mathias	C'était donc avec cette mélodie du vieux drame de Judas, que se cherchaient l'un l'autre dans la tête du Chanoine Mathias un substantif et un adjectif ...

Gostaria ainda de salientar que tentei manter as repetições e paralelismos tão caraterísticos do estilo machadiano, como por exemplo,

Cá estamos/ Nous y voilà;
Sílvio vai andando/ Silvio poursuit son chemin;
suspirar/soupirer.

REFERÊNCIAS

BERMAN, Antoine. “Critique, commentaire et traduction (Quelques réflexions à partir de Benjamin et de Blanchot)” in: *Poésie*, vol. 37, Paris: Librairie classique Eugène Belin, 1986.

BERMAN, Antoine. “Da translação à tradução”. Trad. Marie Helene Torres e Marlova Aseff. In: *Scientia Traductionis*, Florianópolis, 2011.

BERMAN, Antoine. *A tradução e a letra ou o albergue longínquo*. Tubarão: Copiart, 2013.

CROQUETTE, Bernard «Commentaires, *genre littéraire*», In: *Encyclopædia Universalis* Disponível em: <http://www.universalis.fr/encyclopedie/commentaires-genre-litteraire/>. Acesso em 10/05/2015.

LAMBERT, José & Van Gorp, Hendrik: “On Describing Translations”, in Theo Hermans, ed. *The Manipulation of Literature. Essays in Translation Studies*, London: Croom Helm, 1985.

HOLANDA, Geraldo Cavalcanti. *OCântico dos Cânticos: um ensaio de interpretação através de suas traduções*. São Paulo : Edusp, 2005.

AUDIGIER, Emilie. «Tradução Comentada do Conto “O Cônego ou A Metafísica do Estilo” de Machado De Assis para o Francês». In: *Scientia Traductionis*, Florianópolis, 2013.

SARDIN, Pascale. “De la note du traducteur comme commentaire: entre texte, paratexte et pretexte”. In: *Palimpseste 20*, Paris, 2007.

TORRES, Marie-Hélène C. *Variations sur l'étranger dans les lettres: cent ans de traductions françaises des lettres brésiliennes*. Lille : Artois Presses Université, 2004.

TOURY, Gideon. *Descriptive Translation Studies and Beyond*. Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins, 1995.

Bíblia online

<http://www.info-bible.org/lsg/INDEX.html> (trad. version Louis Segond 1910)

<http://www.onlinebible.org/html/fre/> <http://www.lexilogos.com/bible.htm>

Dicionários

<http://aulete.uol.com.br/> <http://www.bibliaon.com/>

<http://www.labibleenligne.com/bible/cantique-des-cantiques-7.html>

<http://www.sensagent.com/>

[http://lirenligne.net/livre/William% 20 SHAKESPEARE/
Rom%C3%A9o%20et%20Juliette/534](http://lirenligne.net/livre/William%20SHAKESPEARE/Rom%C3%A9o%20et%20Juliette/534) (Ato II, Cena II)